

# A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



A NYNFA DAS AGOAS.

SCHWANTHALER.

A Alemanha, situada entre a França inquieta e revolucionaria, e o despotismo immobil da Russia, oferece neste momento um espectáculo confuso, onde a lucta entre as idéas novas e as velhas instituições se complica ainda com a questão das raças. O povo alemão, atravez de todas as divisões mantidas pelas chan-

cellarias e das difficuldades inherentes á constituição politica de uma terra fraccionada infinitamente pelo feudalismo de que foi o berço, procura reconstituir sobre uma larga base a sua unidade nacional. A Italia aspira igualmente a grupar-se em roda de uma bandeira nacional. Os povos selavonios manifestam por um modo ainda obscuro, mas tem evidentemente as mesmas tendencias da assimilação. Curioso espectáculo, vi-



Oferta

R.64

cissitude eterna da historia que grupa e dispersa alternativamente as raças, e os povos, e, no meio de luctas e penas sem fim, fórma um feixe, e quebra-o depois para o formar de novo! Foi a França que, pela sua ultima revolução, deu abalo á Europa e galvanizou as esperanças que ali dormiam no silencio. Na Alemanha em particular ellas tinham nascido no principio deste seculo, a titulo de reacção, contra a invasão franceza. Os escriptores e os artistas protestaram contra a invasão das idéas modernas lançando-se com ardor para o passado e a tradição, e vieram em auxilio, pela direcção que imprimiram nos espiritos, da impaciencia que os soberanos tinham de se verem livres do jugo militar de Napoleão. Este culto da nacionalidade germanica inspirava em 1806 um principe mancebo, que havia pouco tinha subido ao throno da Baviera, onde elle manifestou o seu gosto apaixonado pelas bellas-artes, quando, passando por Berlim para se dirigir, por um convite de Napoleão, ao exercito de Polonia, elle submettia ao historiador Muller o seu projecto de alevantar um monumento grandioso ás gloriosas recordações da patria, e pouco tempo depois commendava já ao esculptor Schadow os bustos de Klopstock, de Kant, Haller e de João Muller. Este pantheon tudesco é o celebre Walhala, nome do paraíso dos heroes scandinavos. Está situado nas proximidades de Ratisbonna, sobre um monte banhado pelas agoas do Danubio; este monumento, de uma architectura dorica faz lembrar no exterior a disposição do Parthenon. E' construido de marmore branco do Salzbourg e sobe-se a elle por uma serie de vastas escadas igualmente de marmore. Mr. de Klenze foi encarregado pelo rei da construcção deste notavel edificio, que só foi começado em 1830. Mas já muitos annos antes haviam sido encomendados ao esculptor Wagner em Roma os modelos dos baixos-relevos do frizo, representando a historia primitiva da Alemanha, e a Rauch seis Victorias aladas destinadas para a decoração do monumento. As esculpturas dos dois frontões foram confiadas ao cinzel de um dos maiores artistas modernos da Alemanha, Mr. Schwanthaler, de que a cidade de Munich, que aformoseou o seu genio, chora a perda recente. Morreu no dia 14 de Novembro ultimo na idade de quarenta e seis annos. Foi enterrado com grande pompa no dia 17. Milhares de pessoas seguiam o prestito funebre. Os seus restos foram depositados no tumulo do general Heidegger, onde devem ficar até ao acabamento do tumulo que o rei de Baviera lhe faz erguer, assim como ao seu amigo, o ultimo director Gartner.

Luiz Miguel Schwantaler nasceu em Munich a 26 de Agosto de 1802, de uma familia de que muitos membros tinham adquirido uma certa celebridade como esculptores em diversos paizes da Alemanha. Seu pai, esculptor da corte de Munich lhe fez frequentar os estudos no gymnasio desta cidade. A philosophia foi primeiro o objecto da sua predilecção. O seu espirito

já estava preparado por fortes estudos quando se abandonou ás bellas-artes. Quiz ao principio fazer-se pintor de batalhas, mas cedeu depressa a uma vocação mais evidente. Formou-se debaixo da direcção de seu pae e mais tarde da academia de Munich, onde não achou logo todo o auxilio que merecia: a independencia da suas idéas não podia amoldar-se com as theorias pedantescas do director Sanger: elle não a abandonou com tudo senão em 1825. O rei de Baviera foi simultaneamente o seu protector e o promotor do seu talento. Depois foi nomeado professor de esculptura na academia de Munich. Este artista era dotado de uma actividade prodigiosa. A sua fecundidade e a sua facilidade de producção eram das mais notaveis. Um grande numero de esculptores executaram debaixo das suas ordens vastos trabalhos de que elle era encarregado. Independentemente das suas obras de esculptura, desenhou muitas composições que foram executadas pelo pincel dos seus amigos. As poesias d'Orpheo, a theogonia d'Hesiodo, os dramas tragicos d'Eschylo e de Sophocles, e a veia zombadora d'Aristophanes deram-lhe uma grande variedade de assumptos desenhados por elle para a residencia real. O rei confiou-lhe tambem o trabalho de illustrar os cantos da Iliada com vinte e quatro composições destinadas a figurar no seu palacio ao lado das paredes onde se desenvolve o drama da historia germanica desenhada por outros artistas. Estas obras diversas attestam no seu auctor uma grande riqueza d'imaginação. O seu contorno simples e breve faz lembrar com mais animação, mas com menos pureza e precisão, o das composições que immortalisavam um outro esculptor, o celebre Flaxman, tão cheias d'um perfume d'antiguidade, que se podem tomar por relevos de vasos etruscos.

Mas é sobre tudo como esculptor que Carlos Schwanthaler adquiriu uma grande e justa celebridade por a importancia e o merecimento das obras numerosas que creou. Não é por uma originalidade poderosa que se distingue Carlos Schwanthaler, não é tambem pelo acabado da expressão e a delicadeza do molde, mas é por uma imaginação abundante e facil, por uma intelligencia elevada que transporta o pensamento a todos os tempos, a todos os povos aonde o invocam; e isto foi uma das boas fortunas do rei de Baviera, nas maravilhas artisticas realisadas por elle n'esta cidade de Munich, onde fazia passar os marmores da Grecia, elevava ao mesmo tempo monumentos doricos e igrejas bysantinas, e encarregava M. de Kleure de lhe edificar com tejos um palacio á semilhança do palacio Pitti de Florença; foi uma das boas fortunas deste amator coroado das bellas-artes, achar á mão um artista de uma aptidão tão variada e de um talento tão facil em transformar-se. Todas as fórmas da arte eram admittidas curiosamente em a moderna Athenas. O genio allemão, tão vivaz, tão energético nas obras de Alberto Durer, mesmo apezar dos seus

esforços para se aproximar das bellas tendencias classicas do estylo italiano, tinha perdido a seiva, e, á falta d'originalidade propria, ia beber novas inspirações aos mestres primitivos, mais conformes á sua rudez e austeridade. Em quanto os pintores se lançavam nesta estrada, a esculptura, tornando com Thorwaldsen a uma linha mais simples e mais severa, tinha feito alliança com a antiguidade. Os marmores d'Egina, de que Munich estava de posse, abriram novos aspectos sobre a arte grega das epochas primitivas. As figuras desprendidas do frontão do Pantheon, ou ellas sejam anteriores ou posteriores a Phidias, tem um character archaico dos mais evidentes, e, debaixo do ponto de vista da verdade candida das atitudes, são os modellos mais curiosos que se podem consultar ao lado da elegancia solemne dos baixos relevos do Parthenon. Estes restos d'Egina não deixaram de ter influencia, e M. Schwanthaler se inspirou felizmente com elles para um dos frontões do Walhala, onde tinha de representar feitos da historia primitiva dos Germanos: a victoria de Hermann sobre os romanos. Este frontão, modelado em alto relevo, é uma obra capital, e aquella a que se póde dar a preferencia se se compara M. Schwanthaler comsigo mesmo.

No meio está representado Hermann, de uma estatura superior á das outras figuras, e tendo dez pés d'altura: está nú, meio coberto com um manto mais pittorescamente disposto do que exacto como vestuario, e tendo na cabeça um capacete alado; os seus braços tem braceletes como se encontram nos tumulos dos antigos guerreiros germanos; piza debaixo do pé esquerdo as aguias romanas, e parece desafiar com desprezo os romanos abatidos que tem em face de si. É seguido de tres guerreiros cobertos com os seus escudos e armados de achas d'armas, de espadas e massas. O primeiro é o Sicambro Malo, com capacidade de fórma de loba, chefe germano celebre por ter feito soffrer uma grave derrota ao logar-tenente d'Augusto Lelio. O segundo é Kattumer, cujo cabeça faz lembrar a de Ulisses. O terceiro, tio da esposa d'Arminio, é o chefe dos cheruscos, Seginer. Este heroe, que já foi sacerdote de Jupiter, coroou a cabeça de folhas de carvalho, com a esperanza da victoria. Por detraz destes guerreiros está um bardo que acompanha com a lyra as suas invocações a Wodan; depois, como um fantasma assentado no meio das canas e dos pantanos, uma prophetisa tendo na mão a faca dos sacrificios. Em fim, na extremidade mais baixa do frontão, Sigmar, o pae de Hermann, expirando junto das suas manipulas conquistadas por elle aos romanos, e a quem uma mulher ajoelhada prodigalisa os ultimos cuidados e prophetisa a gloria do Walhala que o espera. Esta mulher é Thusnelda, filha do traidor Segesto, destinada a ornar mais tarde, com os seus, o triumpho de Germanicus. O outro lado da composição, a partir de Hermann, é occupado pelos romanos. O primeiro guerreiro que se adiante para elle é um tria-

riano, um destes veteranos da reserva que não tomavam parte no combate senão quando as tropas armadas á ligeira deixavam fugir a victoria. Atraz delle um soldado armado, á ligeira, parecendo desesperar do resultado da pelega, não pensa senão em proteger a retirada e encobrir Varo, que se fere com a propria espada. O resto do tympano é occupado por soldados romanos moribundos, ou enterrando-se nas hervas, onde um busca esconder os despojos do inimigo, e outro fazer desaparecer a sua aguia, talvez a da terceira legião, que, segundo os historiadores não foi nem tomada, nem encontrada.

Esta vasta composição, desenvolvida n'uma extensão de noventa e seis pés, encerra quinze figuras. É executada em marmore compacto e d'um branco puro, dos arredores de Schlanders, proximo a Méran, no Vinschgau. Póde vêr-se o desenho deste frontão na Illustração alemã (*Illustrirte zeitung*) de 26 de Maio de 1846. O frontão anterior do Walhala, composto primeiramente por M. Roch, soffreu diversas mudanças que fizeram delle quasi uma obra de M. Schwanthaler. É inspirado pelas idéas de reacção contra a França. Representa as diversas nações alemãs recobrando, pelos tratados de 1815, os paizes conquistados sobre ellas. No centro está o genio da Germania, figura que ficou tal qual M. Roch a compoz.

O rei de Baviera, ao mesmo tempo que elevava um monumento á gloria da nacionalidade alemã, quiz elevar um tambem á gloria particular da nação de que era o chefe. O Walhala da Baviera está edificado proximo de Munich, sobre o monticulo de Sendling. Este templo da gloria construido de marmore branco destaca sobre a folhagem verde d'um bosque de carvalhos. Fórma um grande quadrilatero de edificios, aberto de um lado, com um renque de columnas dóricas formando em roda da parte interior do edificio um portico no qual estão collocados os bustos dos homens mais celebres da Baviera. No meio deste portico monumental está collocada uma figura alegorica colossal representando a Baviera, por Schwanthaler, encarregado da direcção de toda a ornamentação esculptural do templo da Gloria; está de pé, o seio meio coberto por uma pelle d'animal, elevando com a mão esquerda e offerecendo ao merito a corôa da victoria, e com a outra apertando a espada. Ao lado della está um leão, simbolo da força e da coragem. Schwanthaler quiz primeiro armal-a de um capacete como a Minerva de Parthenon que se via de Sanium, mas contentou-se com o corôal-a de folhas de carvalho, e levantar no alto da cabeça, como um diadema, ondas do seu immenso cabello. Esta estatua, destinada a ser fundida de bronze, tem cincoenta e quatro pés d'altura e deve attingir com o pedestal uma altura de oitenta e alguns pés. Longos e penosos trabalhos que duraram perto de cinco annos foram consagrados aos preparativos e á moldagem. Foi necessario alevar uma torre de madeira de cento e vinte pés

d'altura, provida interiormente de quanto é necessario para moldar. Os ajudantes do esculptor suspensos á gigante, como andorinhas edificando o seu ninho n'um muro, ajuntavam-lhe massas de gesso ou lhe faziam cahir grandes pedaços, que não pareciam senão uma ligeira alteração de longe, apesar de terem um pé de profundidade.

Depois da correccão o artista separava-se um quarto de legoa para julgar o effeito, e continuava os seus trabalhos atravez da chuva, da neve, e da tormenta que sacudia a sua torre de madeira. Toda a figura foi dividida em quinze peças para a fundição. Haverá uma escada de caracol no interior. Lembremos aqui que a estatua de S. Carlos Borromeu, alevantada proximo d'Arona, sobre as margens do lago maior, e guardada interiormente de degráus que servem para a ascensão dos viajantes, tem vinte e um metros e quarenta e quatro centímetros de altura, sem comprehender o pedestal de granito cuja elevação é de perto de quinze metros. Estas ambiciosas creações, excedendo as medidas ordinarias, raras vezes são de um effeito feliz como obras d'arte; antes de tudo ellas precisariam ser justificadas pela grandeza do assumpto e da idéa. Se o imperio francez, ou a Russia tivessem satisfeito o capricho de uma dessas gigantescas alegorias em proveito da sua propria gloria, teria isso podido parecer singular e contrario ao bom gosto, mas ao menos não teria sido ridiculo á luz da historia. O rei de Baviera no seu amor pelas bellas-artes, tem feito dellas por mais de uma vez um uso immoderado. Esta estatua colossal é um exemplo frizante disto.

M. Schwanthaler, assim como Thorwaldsen, era no relevo superior ao que era na estatua. O relevo como systema de linhas constitue uma linguagem menos complicada e mais breve, que convem perfeitamente aos artistas que buscam antes a significação do moldado do que as esquisitas delicadezas. Este amor da fórma que é um dom do céu da Grecia e do da Italia, além de que não cresce espontaneamente debaixo do céu da Germania; alli foi ainda soffocado pela reforma. M. Schwanthaler amava o relevo como um meio que correspondia á rapidez e á abundancia do seu pensamento. Empregou com frequencia, em Munich, o systema dos relevos em gesso. Citaremos principalmente no palacio do rei os relevos da sala do throno tirados de Pindaro; o frizo consagrado ao mytho de Venus, uma de suas mais ricas composições, que se admira no segundo andar do novo palacio, e sobre tudo aquelle consagrado ao culto de Baccho, que orna n'uma extensão de cento e cincoenta pés os quatro lados da casa de jantar do principe Maximiano de Birckenfeld, obra cheia de gosto e de *verve*, onde a alliança do estilo grego não prejudica uma verdadeira originalidade.

Se o genio do grande esculptor da Baviera se mostrou feliz nos empréstimos feitos aos fragmentos de Phidias e da arte genetica, a sua intelligencia não

se transportou com menos firmeza ao mundo da meia idade. Ou elle fizesse estatuas de pintores antigos para a pinacotheca, ou compozesse as quatorze estatuas dos antepassados do rei, foi perfeitissimo na representação visivel do caracter geral o mais saliente das figuras que tinha a tratar. Estas estatuas dos principes os mais illustres da Baviera, de quinze pés de altura e de bronze dourado, são destinadas para a decoração da sala do throno. Fazem honra ao espirito inventivo do artista e aos progressos da arte da douradura applicada a massas tão consideraveis.

Nestes ultimos tempos, M. Schwanthaler, tinha-se encarregado de executar para a Bohemia uma serie de estatuas de heroes e de heroínas tchekkes. Este trabalho importante fica interrompido pela sua morte.

O talento de M. Schwanthaler, como se vê, manifestava a dupla tendencia que se encontra nos monumentos modernos de Munich. Esta divisão igual dos artistas e da fantazia curiosa de um soberano entre os monumentos primitivos da Grecia e entre a arte de Byzancio, da meia idade ou da renascença, é um phenomeno que não deve admirar nessa Alemanha, aberta a todos os estudos, invadida pelas duvidas de todos os systemas, e que naquella que ella proclama como o seu mais bello genio, em Goethe, de intelligencia cosmopolita, em lugar de encontrar a mais alta manifestação de seu genio nacional, encontra o emprego indifferente de todas as fórmas e a aspiração ao pantheismo da arte e da natureza.

(*L'Illustration*).

## CASAR OU METTER FREIRA

### PROVERBIO EM UM ACTO.

(*Conclusão.*)

O BARÃO.

E' verdade! mas o primeiro prohibe as consequencias do segundo . . . .

O CONSELHEIRO.

Nada de theologia — barão! Nisso vira-se mal! S. Paulo prohibe a usura . . . e a ordenação do livro 5.º concorda em genero, numero, e caso com outro mandamento, que não repito, porque respeito os seus nervos!

O BARÃO.

(*Atrapalhado*) Bem . . . bem sei . . . mas como hei-de reparar o meu erro . . . e satisfazer um primo que defende tão corajosamente as primas? . . . .

O CONSELHEIRO.

Isso é voltar á razão! O meu amigo ministro não se havia enganar no conceito que fazia do barão! Ainda elle repetia esta manhá: «O barão é de boa familia . . . e respeita a honra e a nobreza de todas as familias!

O BARÃO.

(Com alegria) E dizia bem! Eu cá respeito a honra de todas as famílias! . . . . Hei-de merecer, conselheiro, o elogio do ministro . . . .

O CONSELHEIRO.

Logo case com a marquezia . . . . e dote sua sobrinha . . . . que é um anjo . . . . um seraphim! O barão tem grande tacto para conhecer as mulheres!

O BARÃO.

(Com assentimento) E' verdade! Lá isso é verdade!

O CONSELHEIRO.

Casando com a tia, offerece á sobrinha . . . .

O BARÃO.

Offereço á sobrinha . . . .

O CONSELHEIRO.

Em dote! — já se vê! As duas propriedades de Buenos-Aires . . . .

O BARÃO.

Misericordia!

O CONSELHEIRO.

A quinta de S. Marcos!

O BARÃO.

Mas fico arruinado . . . . é pedir a minha quebra . . . .

O CONSELHEIRO.

Engana-se, barão, é fazer do barão o mais generoso, o mais estimado, o mais ministerial — quer dizer — o mais amado do ministro, de quantos barões pizam a capital!

O BARÃO.

E o meu titulo?

O CONSELHEIRO.

Fica sendo um presente de noivado . . . . O ministro ha-de ficar louco de contentamento . . . . não volta com a palavra atraz!

O BARÃO.

Bem! farei tudo a minha sobrinha . . . . (á parte) Casaria até com ella se fosse da sua vontade!

O CONSELHEIRO.

(Gritando) Venham, minhas senhoras, quero apresentar-lhe o mais barão de todos os barões passados, presentes, e futuros! Um dos barões assignalados!

## SCENA X.

A MARQUEZA, e D. IGNEZ, apparecendo,  
o BARÃO, o CONSELHEIRO.

O CONSELHEIRO.

(Tomando o barão pelo braço e apresentando-o á marquezia) Minha querida prima, pediu-me a sua mão, abusaria eu, concedendo-lha em seu nome?

A MARQUEZA.

(Offerecendo a mão a beijar ao barão, que a beija resignado) Sou misericordiosa — perdôo tudo! e consinto até que me beije a mão!

O CONSELHEIRO.

(Tomando pelo braço D. Ignez) Aqui lhe apresen-

to a mais formosa de todas as sobrinhas . . . . e minha futura mulher!

O BARÃO.

(Indignado, tomando pelo braço o conselheiro) O conselheiro casa com D. Ignez?

O CONSELHEIRO.

Caso sim! Talvez que tenha máu gosto?

O BARÃO.

Logo armou-me um laço! Logo atraíou-me! Não consinto! Dou o dito por não dito!

O CONSELHEIRO.

Socegue, barão, que genio tão fogoso que tem! O que diria agora o meu amigo ministro?

O BARÃO.

Póde dizer o que quizer? E' uma infamia! . . . .

O CONSELHEIRO.

Fazel-o vinconde? . . . . O barão diz ás vezes cousas!

O BARÃO.

(Indignado) Empalmar-me um dote . . . . obter o meu consentimento . . . . para se casar nas minhas barbas . . . . O conselheiro escarneceu de mim!

O CONSELHEIRO.

Ah! agora entendo! O barão queria dotar D. Ignez para a deixar solteira? Barão, as mulheres bonitas nunca ficam na reserva!

O BARÃO.

Eu . . . . declaro . . . . francamente . . . . não caso, nem dote!

O CONSELHEIRO.

Então bate-se! Ainda bem que joga a espada, que atira á pistola . . . .

O BARÃO.

Tambem me não bato!

O CONSELHEIRO.

Então que quer que lhe faça? . . . . Que o deite pela janella fóra? . . . . (olhando pela janella) Não! por muito bem que salte, fica reduzido o almanack a ter menos um barão!

O BARÃO.

(Alterado) Pela janella fóra? E as minhas costellas?

O CONSELHEIRO.

E a minha honra?

O BARÃO.

Ficava esmagado . . . .

O CONSELHEIRO.

E eu deshonrado para sempre . . . .

O BARÃO.

E o meu dote? . . . .

O CONSELHEIRO.

E a sua palavra? E o que diria o meu, o nosso amigo ministro? A palavra d'um barão é como a dos reis: não torna atraz!

O BARÃO.

Lá isso é assim — é! — Que lhe hei-de eu fazer!

O CONSELHEIRO.

E de mãis . . . . falla-se n'um emprestimo . . . . o barão bem sabe . . . .

O BARÃO.

Consinto! Consinto! (*á parte*) O tal emprestimo chega para tudo! — Corre que é a trinta por cento! e metade em papeis — e metade em dinheiro! E' negocio seguro . . . . e muito util ao estado!

O CONSELHEIRO.

Bem, bem, barão, seja generoso! e continue a honrar os seus avós, como deve honrar os trezentos primos da marquezia . . . que d'ora ávante pertencem-lhe . . . e é *par droit de conquête*, se não é *par droit de naissance*. O barão sabe francez?

O BARÃO.

Ora essa, conselheiro, a lingua da diplomacia . . .

O CONSELHEIRO.

*Et des loups cerviers!*

## SCENA XI.

UM CRIADO *annunciando*:

O jantar está na meza!

A MARQUEZA.

(*Dando o braço ao barão*) Ah! barão, quem diria que convidando hoje V. Ex.<sup>a</sup>, convidaria ao mesmo tempo o meu futuro marido?

O BARÃO.

Marido respeitoso (*á parte*) E resignado!

O CONSELHEIRO.

(*Offerecendo o braço a D. Ignez*) Barão, já que é forte em proverbios, ha-de saber este: *casar* . . . .

O BARÃO.

*Ou metter freira*. Fica-me, conselheiro, gravado para sempre na memoria! custou-me muito . . . . a aprender.

O CONSELHEIRO.

Mas ha-de fazer a gloria d'um barão . . . . e as delicias do meu . . . do nosso amigo ministro!

*Lopes de Mendonça.*

---

**POESIA.**


---

Que horas que tem a vida  
Tão amargas, tão fataes!  
Que dôr sem fim é contida  
Nessas horas infernaes!  
E' a morte que nos rala  
E' um penar que devora  
E' no peito onde elle mora  
O coração que se estala.

Não sei quem pôde sentir,  
Essa dôr e não morrer,  
Quem espera no porvir,  
Depois do golpe soffrer.

A esperança murcha e cáe,  
A fé apaga-se logo,  
O desejo arde no fogo  
Das paixões em que se esváe.

Esses annos de pureza  
Que se gravam na lembrança,  
A formosa natureza  
Em que surria a bonança,  
Tudo a dôr faz tenebroso  
Tudo foge: assim se apaga  
A saudade meiga e vaga  
D'outro tempo mais ditosa.

Depois se os olhos procuram  
Lá no céu consolação,  
Se nos astros que fulgaram  
Vão buscar inspiração;  
Não achão no céu bondade  
Nos astros não achão luz:  
Esta vida se reduz  
A penar na soledade.

Se não é nada este mundo  
Mais que um pélagos tremendo  
De maldade; tão profundo  
Que os homens se vão perdendo!  
Se a palavra do Senhor,  
Não vive senão em poucos!  
Se entre os homens, pobres loucos,  
Rara se abre triste flor!

Ai que dôr, que dôr, meu Deus!  
Vêr fugir toda a ventura:  
Apagar-se até nos seus  
A dulcissima ternura!  
Vêr estender-se um deserto  
Em roda, triste, sem fim;  
Vêr perder-se tudo assim,  
E ficar de tudo incerto.

Duvidar . . . que acerbo espinho!  
Descrêr! . . . que morte tão dura!  
Desamar . . . — Ai coitadinho!  
Do que tem tal desventura!  
— Chorai, que prantos merece  
O pobre desventurado:  
Não ameis o malfadado,  
Porque o amor lhe aborrece.

O homem que dôr tamanha  
Padeceu, já não existe;  
E' apenas sombra estranha  
Que vaguêa sempre triste.  
A fallar é mão e duro  
Quando ri, seu rizo é fero . . .  
E' paixão seu desespero . . .  
— Ai se elle não tem futuro!!

*João de Andrade Corvo.*

## INDUSTRIA E SCIENCIAS.

Entre as questões que mais insta resolver, é das primeiras a da sustentação e ensino do clero; porque na obra da regeneração de um paiz, para ella se verificar com unidade, é indispensavel que todas as forças caminhem ao mesmo tempo e converjam para o mesmo fim. O successo depende do mutuo accordo.

Examinando este assumpto havemos de applicar a censura quando fôr merecida; e as difficuldades que envolve serão expostas em toda a franqueza. Evadir-se qualquer ás objecções equivale a enganar a razão. Não é discutir é sofismar. Sabemos que a materia é delicada; e que á sombra do preceito legal militam interesses hostis ás boas reformas. Que importa? Quando o dever manda que se diga a verdade toda — mente á nação e á consciencia quem só balbucia meias palavras, que nada explicam e de nada servem.

Dois pontos capitaes importa considerar neste negocio. Abraçados elles as nevoas que cegam a muitos hão-de aclarar-se, e a solução das difficuldades ha-de parecer menos ardua e mais praticavel.

Tem entre nós o clero a independencia parochial, donde dimana toda a influencia da sua auctoridade? Ou mais claro. Entre o parochio e os freguezes ha só as relações espirituaes, e o laço moral que funda o respeito da religião, e vivifica as promessas de Deus aos olhos dos povos?

O clero portuguez possui a instrucção, sem a qual a persuasão não pôde fructificar, e a missão evangelizadora e pacifica da igreja fica tantas vezes esteril?

A resposta (guardadas honrosas excepções) é dolorosa. Faltam ao sacerdocio a independencia por um lado, e a auctoridade da sciencia e do exemplo pelo outro. As consequencias deploraveis que já se experimentam ainda são apenas symptomas — se o deixarem crescer o mal chegará tão longe que ha-de ser duvidoso e cruel o remedio. Se a indifferença de uns, se a perigosa inercia de outros continuar a dormir ás portas do templo não se admirem se o acharem profanado um dia!

A situação do clero nunca pôde ser indifferente nem aos governos nem aos povos. Christo disse uma verdade divina e eterna: — «Se o sal da terra se corromper com que se ha-de salgar?» Se o clero perder de todo as tradições da sua antiga virtude, a auctoridade do exemplo, e a influencia da religião, para onde irá o povo? Para o fanatismo ou para a impiedade? E se fôr?!...

Estão abertas as paginas do livro da historia, e o sello de sangue estampado nas que respondem á terrivel interrogação. O homem não se desvaira nas trevas

da incredulidade muito tempo, mas até que torne a descobrir no céu a estrella da fé, e a achar na religião as consolações da esperanza, todos os horrores do cahos atribulam a sociedade e todos os crimes e paixões, fremem sobre ella. Quebrem o laço moral que liga a consciencia ao altar, e verão em breve os fructos que semearam.

A culpa do estado do nosso clero não é só d'elle, nem dos governos — é sobre tudo da pessima administração que temos. As divisões territoriaes, feitas no sentido de se adequarem a esta ou áquella providencia, acanharam-se na base, e mutilaram-se nas grandes e uteis applicações. Tem-se dividido o reino para o aparcellar segundo o systema, em vez de fundar o systema sobre as verdadeiras exigencias do territorio. Vacillando entre o passado que expirou hontem, e o presente que estava pouco preparado para a tarefa que lhe impuzeram, a solução das mais transcendentales questões tomou a côr dos partidos, e foi mais filha do acaso do que da meditação e do estudo pratico.

O que succede na administração civil, e na organização do imposto nota-se na existencia do clero. Em todas o pensamento governativo não as domina, é dominado por ellas; não está firme e convencido, é fluctuante e movel, segundo varia a atmospheria politica e o poder muda de mãos. Aquillo que nos reinos civilizados se rege por preceitos inalteraveis fundados nas necessidades publicas — aqui apresenta tantas resoluções contraditorias, quantas foram as boccas que as proferiram!

E' nos vicios da administração que reside a causa do turpor e da confusão actual. Sem ella se reformar, como deve, não esperem desenvolvimento e regularidade. Em cada ponto para que olharem hão-de vêr o absurdo, a exacção e a inercia escarnecendo das comminações impotentes da lei, e dos mais fervorosos desejos.

Ha em Portugal 3802 freguezias; e destas 207 pouco mais ou menos inferiores a cincoenta fogos. Sobre os habitantes recahe hoje a congrua do parochio que se cobra directamente dos povos. Em freguezias serranas, onde os terrenos são accidentados e montanhosos; onde as cheias do inverno são alluviaes; e as difficuldades do transitio quasi sempre insuperaveis no rigor desta estação, pôde-se affirmar sem receio que a ovelha conhece mais o pastor pela thesoura com que o tosquia, do que pelos cuidados paternaes com que a protege. Depois, nessas parochias de 30 e mesmo de 22 fogos que existencia miseravel não é a do parochio, e que insupportavel onus para os moradores não é a sua congrua?

Sem arredondar as freguezias segundo razoaveis proporções; sem dar a esta unidade tão importante da administração civil e ecclesiastica a extensão e os recursos essenciaes á sua existencia economica, como julgam possivel adiantar um passo ou realizar qualquer progresso? Todas as outras delegações são vias inter-

medias administrativas por onde se fiscalisa a execução das leis; mas a parochia é o povo, é a localidade onde a applicação se faz, o imposto se cobra, o culto se paga, e as difficuldades praticas nascem e se removem. O concelho, composto de uma ou mais freguezias centralisa e facilita a execução; porém se a divisão parochial fór imperfeita ou absurda ha-de padecer dos inconvenientes della, ha-de represental-os a todos necessariamente na sua gerencia. E o que imaginam que ha-de acontecer em concelhos formados de parochias de 22 fogos, ou de retalhos de freguezias encravados pelo uso em terrenos alheios? Mas aqui não basta alargar só a área da circumscripção parochial arredondando-a, segundo as sympathias moraes e as commodidades de comunicação dos povos. Diminuir-se-hia um tanto do pezo que vexe os contribuintes e nada mais. O grande vicio, o grande mal ficava intacto como dantes; e o seu effeito corrosivo, talvez mais lento mas sempre activo, continuaria a gangrenar os membros da sociedade.

O culto está mal; porque o systema adoptado para prover á subsistencia do clero é o mais vicioso que ha. O estado separou a educação moral da instrucção; dotou a segunda, e entregou a primeira ao odio dos povos ou ás angustias da miseria para o evitar. Bem ou mal distribuida a instrucção publica vive de recursos, que lhe são proprios, e que o thesouso e as municipalidades repartem entre si no ensino primario. O clero lueta com peiores condicções, mesmo depois dos ultimos aperfeiçoamentos da legislação que o respeita. Para subsistir a mão que abençoa ha-de esmolar; a bocca que invoca o sagrado nome de Deus ha-de pedir o pão do corpo áquelles que recebem della o pão do espirito. E' facil conceber o que esta posição falsa e violenta tem de humilhante e de fatal para a auctoridade religiosa do parochio.

E tudo isto nasce de se não considerar assás que o culto é um ramo da administração tanto ou mais importante, do que outros; e a sua dotação uma despesa tão sagrada e legitima como as mais. Collocar o parochio quasi na posição do jornaleiro; e obrigar-o a desacatar a magestade do seu ministerio e o respeito dos seus cabellos brancos com uma peregrinação de porta em porta feita em seu nome, ou com uma arrecadação extorquida pelo exactor em nome do culto, não será ferir ao mesmo tempo um principio governativo, e annullar uma grande influencia social?

E não se attendem os effeitos de similhante inversão de principios! Que virtude póde ter a palavra de um homem que o povo paga pela sua mão, a quem dá com repugnancia uma Congrua como esmola, e a quem atravessa a alma de dôr cubrindo de maldições este triste salario, ou ensopando-o de lagrimas? Que respeito e crença ha-de inspirar a religião se os seus sacerdotes, para obter uma sustentação sobria, são obrigados a viver em litigio com os povos, aos quaes tão deploravel facto talvez faça acreditar que as ben-

ções do céu e as misericordias do perdão se vendem como os fructos das suas colheitas?!

As rixas, as contendias, os odios, e os queixumes entre o parochio e o freguez por um lado alteram a indole do sacerdocio; pelo outro matão no seu coração a força persuasiva de uma doutrina de paz, de humildade, e de consolações. Expôr o ministro de Deus á irrisão ou á aversão dos homens é vestir-lhe a opa dos publicanos e quebrar a ara dos altares.

Este systema não póde, não deve continuar, ou em quanto elle existir debalde desejarão que haja clero e educação moral no povo. Com a legislação presente a igreja quasi que está em guerra com os freguezes; as suspeitas, a cubiça, e o odio erguem-se em logar da paz e da confiança. Mas além de absurda na practica é inconstitucional em principio, porque separa do estado um ramo de administração, e fiscalisa e arrecada por mãos proprias rendimentos, que convinha que nascessem de uma só fonte e fossem applicados pelo governo á sustentação do culto. Pronunciou-se uma especie de divorcio entre a igreja e o estado!

E' por tanto essencial prover á dotação do clero, e tornal-a dependente do thesouso, como uma das mais sagradas e legitimas despesas. E' indispensavel dár o pão da vida ao sacerdocio sem o expôr aos abusos e miserias desta quasi mendicidade.

Mas isto só não basta. E' tambem necessario reparar por elle o pão do espirito. Quem aprecia a influencia directa exercida pelo clero deve trabalhar para que a civilisação se faça amiga e familiar da ermida do presbyterio e da aldêa da parochia. Se o sacerdocio se não unir de espirito e de vontade á obra da regeneração, a obra ha-de fazer-se sem elle, mas incompleta e atribulada, no meio de lagrimas e de sangue.

Basta considerar quantos laços prendem o clero á sociedade para se vêr a importancia de lhe preparar uma instrucção solida e moral. O clero reina sobre a familia pelo confessorario, sobre as cidades e villas pelo pulpito, e sobre todo o povo pela auctoridade da doutrina e pela solemnidade do rito. O ensino e o tratado diario por uma parte, e a acção religiosa exercida em todos os actos graves da vida por outra, revestem-no de uma influencia irresistivel e asseguram-lhe a superioridade da instrucção sobre as multidões.

A educação moral e os rudimentos da civil estão nas suas mãos. Se as fechar prevverteu-se o povo; se as fór semeando com diligencia, e propagando pela insinuação do amor e pela verdade do preceito destruirá duvidas e adoçará preconceitos, formando com o tempo as crenças arreigadas que são a força e o elemento vivificante das nações. O progresso ensinado pelo sacerdocio é mais suave, do que o progresso que voa nas azas do furacão popular. Aquelle caminha sem fátigar, cura sem dores, e restaura sem sangrar as veias desfallecidas do paiz. Este corre impetuoso; queima e arrasa na passagem quanto encontra diante de si; e

quasi sempre acaba por se abismar em um mar de sangue no meio de maldições geraes.

Se o clero cumprir a sua missão, e explicar a idéa nova — ella ha-de vencer sem resistencias longas, sem conflictos dolorosos. Se pelo contrario o sacerdocio representar um dos elementos hostis, uma das forças da lucta entre o passado e o presente, as nações enganadas e perdidas antes de receberem o baptisimo da civilisação, hão-de passar pelas provas mais crueis e dolorosas. O clero para ser perfeito deve servir de commentario, de exemplo vivo das eternas verdades do Evangelho. Ensine como Christo com a vida e com a palavra. Obedeça para que lhe obedeam. Pela sua virtude seja a explicação sensivel da doutrina do Mestre. Não ha eloquencia mais persuasiva do que a vida do Apostolo.

Satisfaz hoje o nosso clero a todos estes deveres? Desgraçadamente não. Podem citar-se muitas excepções honrosas — a luz não se apagou nunca de todo dentro do templo; mas o geral está longe de corresponder aos sagrados fins da instituição. Deus não reparte igualmente por todos a graça do sacrificio e da abnegação; e quando no mundo tudo arrasta para o erro, quando a virtude que se humilha nem é conhecida sequer, pouco admira que os olhos se voltem de mais para terra, e que o joelho se dobre um tanto ao idolo terreno, á estatua de Nabuco.

Temos gloriosos exemplos de resignação e de virtude — porém a par d'elles ha severas accusações a fazer ás instituições primeiro, e aos homens votados ao altar depois. Se a serenidade do céu se espelha no coração puro de alguns pastores, a torrente tempestuosa das nossas dissensões alterou a mansidão de outros. O clero abaixou muito os olhos para as vantagens mundanas — fez-se homem de mais. Entrou como parte e com violencia em questões que não eram suas, corrompendo os preceitos e a pureza do culto, e compromettendo-o nos interesses da politica e dos partidos.

O modo, pois, de remediar o mal existente é purificar o clero pela severidade das nomeações, pela santidade dos costumes, e pela sabedoria dos pastores. É preciso que a Igreja só appareça ao povo como fonte divina de consolações e de perdão. Que a bocca do parochio se abra, não para pedir ou ameaçar, mas para advertir, suavisar, e ensinar. Por uma parte a cruz é a alliança da familia humana — que se chama a christandade, e sem sacrilegio não se arvora nas contendas civis; pelo outro o sacerdocio é a luz da consciencia e precisa alimentar-se da sciencia de Deus e da sciencia dos homens. Nenhuma das duas condições se verifica sem a existencia de bons seminarios onde se eduque e instrua o clero; e sem um systema diverso que retire de cima da sua cabeça o odio de um imposto, que lhe aliena os povos, e o desactuarisa a elle.

L. A. Rebello da Silva.

## A LIGA DOS INTERESSES ECONOMICOS.

As sessões da Liga teem atrahido a attenção publica; animadas de verdadeiro interesse, porém, só hão ser aquellas, em que se ventilarem objectos dignos do estudo e reflectido exame dos homens mais praticos e entendidos.

Até agora a discussão versou sobre os estatutos, demorando-se mais do que talvez se carecia no artigo que prescreve a fórma da admissão. De certo esta é a base essencial; mas depois do accordo, que reconciliou todas as opiniões, qualquer ulterior debate, além de superfluo torna-se perigoso. Nestas dissidencias *estatutarias* é que as sociedades nascentes costumam debilitar-se de ordinario. Quasi sempre enfezam e morrem antes de tomarem o pezo á tarefa que accetaram.

A nosso vêr pede a dignidade e conveniencia da « Liga », que terminem os debates ociosos o mais depressa possivel, e se volte para os negocios graves toda a sua diligencia. A divisa que tomou obriga a muito se não quizer justificar severas criticas. Quando os interesses economicos do paiz soffrem e clamam por auxilio — aquelles que se designaram a si mesmos soldados desta cruzada seriam mais que reprehensiveis se consumissem o tempo em pugilatos pessoaes, em tiros de vaidade e orgulho, em lugar de o consagrarem á obra reparadora, que os chama.

A « Liga » pôde ser muito, e pôde não ser nada. Pôde elevar-se á altura da sua missão, ou descer abaixo do ridiculo. Não se deixe arrebatar pelas iras juvenis de Achilles: não escute as furias de Ajax; lembre-se do que promettêu e do que deve, e não sacrifique a exercicios oratorios, nem a tyrocínios de audacia parlamentar a grandeza dos interesses que lhe cumpre advogar, e a magestade das deliberações da assembléa, que os representa. É essencial que se feche essa esteril arena dos estatutos para se abrir a discussão scientifica e proficua dos males do paiz e de seu remedio.

A « Liga » não se parece com as associações vulgares, que se criam na esphera litteraria; não se assemilha tambem á famosa conspiração de Cobden, que tinha por cumplice quasi toda a Gran-Bretanha, e por secretos confidentes reuniões de milhares de cidadãos nos sitios publicos, e as mil boccas da imprensa. Entre nós não existem, nem se formam de repente os costumes legaes, que animam e fortificam os *meetings* inglezes. Falta ainda á opinião e á vontade a direcção constitucional, que faz da lei o seu escudo, e da discussão uma espada victoriosa. Para se colher fructo desta reunião economica é preciso dar-lhe por base o conceito da Nação, armal-a de razão e de capacidade para ser ouvida. Não se illudam; as scenas violentas e os arrojos oraes nada vencem, e só desacreditam. Com elles hão-de dissolver a « Liga » e assumir a res-

ponsabilidade de um suicidio, que nem poderão desculpar sequer.

Seremos sinceros em tudo. Confiamos pouco nas vantagens directas de uma sociedade assim constituida. Os tres braços, da agricultura, industria, e commercio reunidos sob a presidencia do ministro competente seriam mais fecundos. A investidura municipal dos representantes actuaes e o mandato imperativo de alguns, está longe ainda de significar tudo o que requerem os interesses locais. Mas, tal como se acha, a « Liga » é já um passo. Organisa-la depois, dár-lhe um caracter mais definido, e assignar-lhe uma posição digna da importante missão que desempenha, será uma reforma facil, util, e rapida. Todas as instituições balbuciam, e se ensaiam a andar antes de chegarem à epoca da força e da perfeição.

Em França celebrão-se reuniões desta especie tambem com o titulo de conselhos geraes da agricultura, manufacturas, e commercio. O decreto de 29 de Abril de 1831 determinava, que os tres conselhos fizessem sessões de um mez em cada anno; mas apesar dos seus preceitos as convocações foram sempre irregulares. Antes da revolução de Fevereiro de 1847, dos tres conselhos o do commercio só era electivo; o das manufacturas compunha-se metade de delegados das juntas consultivas das artes fabris, e metade de vo-gaes nomeados pelo rei. Em fim o conselho da agricultura assentava todo na nomeação regia.

O decreto de 3 de Julho de 1848 modificou profundamente esta organização, compondo o conselho de membros eleitos pelas municipalidades, pelos districtos, e pelas provincias. As sessões são publicas agora; e o principio electivo que preside à formação destes corpos funda-se no suffragio universal. A representação dos interesses locais por comarcas, e a eleição admittida como base das nomeações parecem-nos duas reformas excellentes. Com ellas a discussão ha-de ser pratica e sisuda; e os votos ou conclusões mais adequados ás necessidades publicas e menos sujeitos à direcção official. A publicidade será um poderoso estímulo para emudecer a cubice e o egoismo, e chamar a combate a verdadeira intelligencia e capacidade. Deste modo no seio dos conselhos geraes se educarão homens uteis, que passando d'alli para as funcções legislativas, se acharão habilitados para deliberar com certeza e conhecimento dos factos.

Em outro artigo mais extenso nos alargaremos sobre este assumpto; por hoje basta indicá-lo só; a conveniencia de organizar estes corpos consultivos junto do Ministerio proprio, e de esclarecer com o seu voto os negocios economicos do paiz parece-nos clara e innegavel; resta vêr se a « Liga » pelos seus esforços e pelos seus serviços offerece a demonstração de que os interesses sabem raciocinar e podem propôr os meios mais opportunos de remediar os males que os affligem.

L. A. Rebello da Silva.

UMA MEMORIA DE M. DE HUMBOLDT SOBRE A PRODUÇÃO DO OURO E DA PRATA CONSIDERADA NAS SUAS FLUCTUAÇÕES.

Introdução de M. Miguel Chevalier.

Tudo que se refere à produção do ouro tem tomado, nestes ultimos dez annos, um grande interesse, porque recentemente, novas explorações foram abertas, e se pozeram immediatamente a lançar no mercado geral uma forte porção deste precioso metal. Ha dez annos M. de Humboldt publicou n'um periodico alemão, a *Revista trimestre*, uma memoria onde fazia uma exposição luminosa do que tinha podido ser no passado a extracção dos metaes precisos, das variações que elles tinham soffrido no seu valór em relação aos objectos de primeira necessidade e em relação uns aos outros. Indicava tambem a probabilidade que tinham os novos *gisamentos* de ouro descobertos na Russia d'Asia, de se tornarem muito productivos. Esta memoria não perdeu nada do interesse que tirava de um estudo retrospectivo feito com rara sagacidade. Os dez annos que se tem passado depois tem mais que justificado as previsões que alli se achavam expressas com a prudencia que um sabio e um philosofo — M. de Humboldt é uma e outra cousa — não devem nunca esquecer.

O velho Herodoto bem o tinha dito, mas os modernos, no seu orgulho desdenhoso, não queriam acreditar-o, as regiões da Russia d'Asia são o grande deposito onde a natureza escondeu o ouro. Logo que o genio das artes europeas teve a sua attenção chamada para este lado, a extracção desenvolveu-se rapidamente, e o metal, que n'outro tempo ia encher os cofres dos grandes reis da Persia, sahia do seio da terra para se encaminhar para São Petersbourg. Na epoca em que M. de Humboldt mandava as suas observações à *Revista trimestre*, a quantidade de metal fino que produziam as lavagens da Russia andava entre seis e sete mil kil. em pezo. A 3,444 fr. 44 c. o kil. era já uma somma redonda, pouco a pouco sahio a 11,000 kil. Tal foi, com pouca differença, a cifra de 1841. Depois saltou a 20,000; agora é de quasi 29,300, que, pelo valór da moeda franceza, representam 100,922.000 fr. E' necessario acrescentar a isto uma quantidade de quasi 700 kil que se tirou das minas de prata amifera. E' um total de 30,000 kil. que valem, pelo preço da moeda franceza, 103.333.000 fr.

Para apreciar a importancia economica e politica deste resultado, é necessario lembrar ao que monta a extracção das outras minas de ouro que lançam os seus productos no mercado geral. Os documentos e calculos são muito mais incertos para o ouro do que para

a prata; com tudo pôde calcular-se que se extrahem hoje 63,250 Kil. no valor de 217.860.830 fr.

A saber:

America.....	14,959 kil. ou	51,419,000 fr.
Europa.....	1.300 kil. ou	4.478.000
Asia.....	30.000 kil. ou	103.333.000
Africa e Asia merid	17.000 kil. ou	58.555.000

Total..... 63.250 217.860.000

No principio do seculo, era muito menos. A produçãõ da America era, um pouco menos que hoje, em numeros redondos 14,000 kil. A da Europa e dos outros paizes pôde ser considerada como tendo então sido a mesma que neste momento. Mas a Russia d'Asia dava menos todo o ouro de lavagem, e fornecia quasi 650 kil. de metal fino que se tirava da prata. A extracção total do ouro teria pois sido de 32.950 kil. (113.494.000 fr.), a saber:

America.....	14.000 kil. ou	48.221.000 fr.
Europa.....	1.3900 kil. ou	4.478.000 fr.
Russia.....	650 kil. ou	2.2339.000 fr.
Africa e Asia merid.	17.000 kil. ou	58.555.000 fr.

Total..... 32.950 kil. ou 112.494.000 fr.

Mas então a proporção do ouro d'Africa e d'Asia meridional que apparecia no mercado geral era menor do que hoje. O total de 32.950 kil. para esta epoca seria pois exaggerado a respeito do mercado geral.

Em numeros redondos, pôde dizer-se que a quantidade de ouro que então era lançada no mercado geral não era a metade do que hoje alli apparece.

A mudança é pois grande; mas achar-se-ha maior ainda se se observar o que se passou com a prata.

No principio do seculo a America dava quasi 800,000 kil. de prata em vez de 615.000 que rendeu nestes ultimos annos. A Europa, a Turquia, a Russia forneciam 86.000 kil. Hoje é uma massa que se deve calcular em 160.000. A China era, em relação ao mercado geral, como se não produzisse; hoje ha a certeza de que produz: assim não é só uma restituição. Avaluações hypotheticas, devo convir, me conduziram a dizer pela imprensa que a produçãõ total da prata podia, em relação ao mercado geral, ser levada a 875.000 kil. quer dizer que é um pouco menos que no principio do seculo.

Eis pois os resultados comparativos em meio sedo d'intervallo:

	No principio do sedo	
Ouro.....	32.950 kil. ou	113.494.000 fr.
Prata.....	900.000 kil. ou	199.998.000 fr.

313.492.00 fr.

Hoje

Ouro.....	63.250 kil. ou	217.860.000 fr.
Prata.....	875.000 kil. ou	194.417.000 fr.

412.277.000 fr.

Assim no principio do seculo, o mercado geral recebia no minimo 27 kil. de prata, e provavelmente mais de 30, por cada 1 de ouro. Suppondo 27 sómente (1) e estimando os dois metaes pelo preço da moeda franceza, é 1 fr. 76 c. em prata por 1 fr. em ouro. Hoje é 14 kil. de prata por 1 de ouro, ou 89 c. em prata por 1 fr. em ouro. Debaixo desta fórma, o effeito obtido se vê melhor que de qualquer outra, e é muito notavel. Nunca, desde a descoberta da America, se tinha produzido cousa semelhante. A relação mais fraca que se tinha observado era o duplo daquela que se offerece hoje; quer dizer que era de 28 ou 30 kil. de prata por 1 kil. de ouro, e mesmo assim não se manteve elle nesse ponto senão durante o tempo brilhante das minas de ouro do Brazil, no meado do seculo decimo oitavo. Mais ordinariamente era de 40 a 50 kil. de prata por 1 kil. de ouro. Esta reversão subita, totalmente imprevisita ha vinte annos, deve ser attribuida aos depositos auriferos da Russia.

Eis aqui pois o fenomeno que se operou; sobre o mercado geral que cresceu abraçando um maior numero de nações, e por conseguinte um maior numero de minas, o aprovisionamento annual em metaes preciosos tem variado, mas para um em sentido inverso do outro. Para a prata, uma diminuição se tem manifestado; para o ouro, em contrario, tem-se passado do simples ao duplo. Este estado de cousas durará? A esta pergunta, o que se pôde responder limita-se a indicar probabilidades. Mas a questão é complexa. A relação que se apresenta ha alguns annos, e que differe muito da que se offerecia anteriormente, pôde modificar-se de diversas maneiras, e pôde tambem preservar debaixo da influencia combinada de diversas causas. A produçãõ geral do ouro pôde ficar superior á que tinha logar n'outro tempo, a da prata conservando-se a mesma. Mas a produçãõ da prata pôde variar tambem; é possivel que ella augmente tanto como o ouro. Para isto bastaria que conservando-se a riqueza das minas a mesma, uma maior quantidade de sciencia, de actividade e de capitaes fosse a ellas applicada, e que os paizes que encerram as minas mais importantes fossem collocados em circumstancias mais favoraveis á civilisação e ás artes. Posto isto, é provavel que as alluviões auriferas da Russia continuarão por muito tempo a offerecer a mesma abundancia (2) de metal; é provavel que a exploraçãõ ficará igualmente facil e que se aperfeiçoará ainda nos meios mecanicos. A mesma previsão é fundada a respeito da Nova-Granada. Em outros ter-

(1) É a proporção que corresponde a um aprovisionamento annual de 31.950 kil. de ouro por 900.000 de prata; mas então o que era realmente lançado no mercado geral era, assim o dissemos já, muito inferior á produçãõ geral avaliada em 32.950 kil.

(2) Seria materialmente mais exacto dizer raridade, porque estas alluviões contem mais de um centessimo-millesimo de ouro.

mos, quanto ao ouro, a probabilidade é que o principal fôco de produção e alguns fôcos secundarios continuarão a fornecer-o tanto como hoje, e mesmo irão augmentando; e, para outros, nada faz presagiar que a produção baixará.

A respeito da prata, a probabilidade é no mesmo sentido. O campo da produção da prata é mais illimitado ainda na cadeia dos Andes que o do ouro no Oral e Altai. A introdução de processos aperfeiçoados em lugar de methodos d'exploração que são barbaros, se tem tornado alli muito provavel nestes ultimos tempos. Os americanos do Norte são os senhores do Mexico, que é o paiz das principaes minas de prata, e continuarão a ser alli muito influentes, seja qual for o resultado da guerra actual. Elles alli hão-de levar as artes da civilização que o Mexico hoje ignora, e cuja ausencia encarece muito a produção da prata e não a limita menos.

Se os seus effeitos provaveis se manifestam realmente para o ouro e para a prata, estes dois metaes, depois de um certo numero de annos, experimentarão uma baixa de valor venal em comparação dos outros productos da industria economica. Esta baixa de valor relativa poderá ser a mesma para os dois metaes, mas também poderá ser desigual. No primeiro caso, a relação de valor dos dois metaes preciosos ficaria sensivelmente a mesma que hoje. Um kilogramo de ouro continuaria a trocar-se por quinze e meio kilogramos de prata pouco mais ou menos. No outro caso, o ouro subiria ou desceria relativamente á prata, segundo fosse a prata ou o ouro que tivessem experimentado na somma das despesas de produção a diminuição proporcional mais forte.

A baixa do ouro ou da prata em relação ás outras mercadorias causariam o subido do preço destas, porque o preço de uma cousa é a expressão da quantidade de ouro ou de prata que se troca por essa cousa. Esta depreciação do ouro e da prata tenderia a fazer cessar a exploração das minas menos vantajosas, e esta suspensão dos trabalhos n'um certo numero de minas, restringindo a offerta, tenderia por si mesma a manter o valor do ouro e da prata; mas é de crer que ella o não conseguiria, porque o excesso de produção das minas mais favorecidas faria em breve mais que equilibrar a ausencia das minas menos proficuas. Estas ultimas também estariam muito tempo melhorando os processos. Quando foram postas em exploração as minas da America; o ouro e a prata baixaram n'uma proporção enorme. Esta baixa não impediu a produção de augmentar prodigiosamente no seu todo, e não a fez diminuir muito na maior parte dos Estados da Europa.

Tal é pois a perspectiva que se abre diante de nós: o acrescimo na extracção do ouro e da prata, e a continuidade deste acrescimo, o que suppõe necessariamente a diminuição nas despesas de produção, e por consequente a depreciação dos dois metaes em re-

lação ás outras mercadorias. Por causa do papel que representam o ouro e a prata em todas as transacções dos homens, nas convenções dos Estados com os individuos, com os empregados e juristas por exemplo, toda a mudança consideravel no valor do ouro e da prata é um acontecimento politico e social, nma especie de revolução. Resta saber qual seria a extensão da mudança, e em que tempo ella póde ter lugar. Sobre estes dous pontos, estamos reduzidos a conjecturas, e cada um póde conjecturar indefinidamente sem poder trazer em apoio das suas induções nenhuma prova valiosa. Não me lançarei neste campo; farei observar sómente que ha uma forte razão para que o phenomeno se opere com vagar. A quantidade de ouro e de prata que se acha agora derramada na civilização é enorme em comparação do que é cada dia lançado na circulação, ou parece poder sê-lo. Era cousa muito diversa na epoca em que foi descuberta a America, é esta a razão porque então a metharmophose foi sabida. Nos nossos dias, se ella tem logor, como se está auctorisado a pensar, deve proceder por grãos pouco sensiveis, a menos que se não encontrassem gisamentos de uma abundancia e de uma grandeza desconhecida até aos nossos dias, o que não é provavel.

Calo-me, agora, para deixar fallar M. de Humboldt. Eis-aqui a sua memoria, que foi traduzida com muito cuidado por um dos nossos discipulos mais assiduos e mais intelligentes, M. Michel Remppe.

(*Continua.*)

#### FLORAÇÃO DAS ARVORES FRUCTIFERAS.

##### *Meio de a demorar.*

Os cultivadores de Belleville, proximo de Pariz, tem ha muito tempo o costume de tirar, depois da queda das folhas, 0<sup>m</sup>, 05 a 0<sup>m</sup>, 08 da terra que cobre as raizes das groselheiras, e de a lançarem nos intervallos da plantação. Durante o inverno a terra desta especie de covas recebe as influencias atmosfericas, e a sua fórmula concava não deixa escapar nenhum dos estrumes ligeiros que as chuvas poderiam arrastar, logo que o terreno tivesse o menor declive.

Uma grande vantagem é ainda devida a esta operação: as raizes achando-se mais proximas da superficie da terra, o frio que ellas com isso experimentam demora a vegetação e a floração de modo que as faz chegar n'uma epoca mais conveniente.

Ha dez ou dôze annos os mesmos cultivadores tem adoptado este processo de descalçamento ás arvores fructiveis de alto e baixo tronco, e o bem estar que as arvores tem experimentado com isso os tem convidado a continuar.

DO NUMERO DE GRAUS DE CALOR NECESSARIO  
PARA AMADURECER O TRIGO\*

Sabe-se que o trigo exige mais ou menos tempo para amadurecer, segundo os paizes; mas M. Gandichand tem descoberto, por calculos exactos, que se se somma, em climas muito differentes, não os dias do mesmo calor, mas a cifra total do calor desigualmente repartido por dias mais ou menos numerosos, chega-se a um numero que é quasi o mesmo em toda a parte. Por outros termos, os cereaes amadurecem debaixo de diversas zonas por meio do mesmo numero total de grãos de calor, qualquer que seja o numero de dias pelos quaes este calor se acha repartido. Por exemplo, 2.138 grãos em Alsace, 2.144 grãos em Pariz, 2.093 grãos em Kingston nos Estados Unidos, e 2.161 grãos em Santo-fé-da-Bogota são empregados para amadurecer o trigo. Esta observação é da maior importancia.

CHRONICA.

Hoje é que temos com effeito de ser estatisticos. De tres mortes notaveis que houve na semana decorrida, resulta um monte partilhavel, por quem de direito for, de 585 contos de réis! A saber: Morre na cama, do hotel da Trindade, um ricoço devoto de S. Thiago de Galliza, testando os seus 360 contos. Um avarento proprietario da Outra-banda, esmorece por não achar sahida aos seus vinhos, e á falta de lobos, dispara contra si a espingarda do caseiro, deixando uma fortuna (elle era Ventura?) de 200 contos. Uma menina de vinte e tantos annos, casada de pouco com um ourives de ouro, diz-se que por não cobrar havia muito tempo os juros do seu dote, que era em inscripções, é tentada pelo inimigo d'alma, para se baldear da janella abaixo, e executa, alta noite do dia 10 do corrente, este infausto designio, ficando-lhe neste mundo com a pena que tal desastre a todos infundiu, dizem que uns 25 contos. São estas tres addicções que perfazem o citado monte de 585 contos, que façam muito bom proveito a quem os herdar, porque a nós sómente nos póde tocar o producto da prova dos nove da dita somma, e esse cedemol-o a beneficio d'inventario.

Esta orphandade do dinheiro, de vez em quando, tem immensas vantagens. E' pena morrer tão pouca gente rica.

Dois suicidios por dinheiro deviam ser acompanhados de um por amor, que é já sabido. Certo mestre barbeiro da rua dos Cavalleiros, dizem que por ciumes de

um pobre rapaz, enfermeiro do hospital, fez-lhe uma espera no alto do Terreirinho, e de uma facada o lançou na eternidade.

Mas para que se não acabe o mundo, lisonjeamos-nos de poder annunciar que o anno de 1849, promette de ser fertil em enlances matrimoniaes de notoriedade, começando talvez por um onde se acham reunidas todas as perfeições e gentileza dos povos ibericos; e proximamente tambem pelo da filha de um antigo ministro d'estado, e par do reino, na bem fadada casa d'Asseca.

Os bailes vão seguindo a velha escala. O da Peninsula effectou-se, como disseramos, a 4 do corrente, no palacio de S. Pedro d'Alcantara. Esteve magnifico, até na historia que delle escreveu o principal socio fundador, n'um folhetim em que admirámos tanto o genio da lingua como o talento do escriptor, o Sr. Teixeira de Vasconcellos.

O do Club, e o da Lisbonense, apenas merecem menção honrosa, porque nos faltaram com o buletim promettido. Bem sabemos que muitos hão-de reparar, que entre bailes de gente branca se mencionem os dos pretos — mas a chronica não tem cõr, nem conhece raças, o seu dominio é universal. usança que os pretos e pretas de Lisboa conservam de festejar com tres dias de baile e folia, os reis Magos, entre os quaes se conta o sior Balthazar, monarcha preto como um azeviche, esteve este anno famosa, segundo disseram os concorrentes. Acharam os curiosos que havia tanta differença do tal baile preto de Buenos-ayres para o dos Cardeas, como ha do Club para a Horta secca. O que elles quizerem!

Vamos porém a ter um baile rigorosamente aristocratico, para festejar o anniversario de uma juvenil marquezia, de estype ducal, primeiro depois do seu consorcio. Quem teve a rara habilidade de tornar tão catita uma carruagem que foi chorrião no tempo da guerra da Peninsula, e que fez tantas figuras em poder do pesado conde da Povoas, deve infalivelmente ter dedo para preparar um baile que ponha todos os mais a um canto.

O theatro de S. Carlos desdedaquelle annuncio; em que fez saber ao publico, que havia *botica de graça* para toda a companhia e seus adherentes, no que bem reconheceu os achaques e manqueiras que por alli ha, esteve banzeiro, até que agora nos brindou com um barytono excellente, o Sr. Fiori (que faz lembrar o Coletti) e a famosa opera de Verdi, o *Macbeth*, cousa subberba, e onde se verá a novidade de alguns acompanhamentos de timbales, sómente, de muito bom effeito. Vai á scena na sexta feira.

Diz-se que a *Thalia* fará a sua representação no sabbado 12. Ha quem ainda duvide.

A nossa Academia das Sciencias trata de sahir da lethargia em que jaz, não atinamos desde quando, para o que houve uma reunião de grande numero de seus socios, em casa do Sr. Duque de Palmella, na

semana passada. Ignoramos por ora em que consiste este salvaterio litterario.

A Liga, no Domingo passado, desfez-se toda em malhas cahidas! Não discutiu nem sequer uma virgula dos seus memoraveis estatutos. O Sr. Coelho de Magalhães, tinha prometido tirar a desforra, e vingou-se. Alli só alcançam a palavra os que tem audacia. As gallerias estavam apinhadas — na das senhoras já não havia cadeiras. O espectáculo realmente é seductor. O presidente cada vez se ataranta mais! Tudo é confusão, votações futeis, e marcar passo. Houve, nessa sessão, um socio, que disse francamente, que o Sr. Ayres de Sá era o principal promotor, e o mais benemerito de todos os membros da Liga, mas que, pelo que se tinha passado na sessão, pelo que diziam os jornaes, e se murmurava em todos os circulos, até nos mais bicudos... S. Ex.<sup>a</sup> devia reconhecer que lhe faltavam os dotes indispensaveis para reger uma assembléa daquella ordem, concluindo por propôr que esta «o convidasse a resignar a presidencia até á eleição definitiva.

O' párvio (com perdão de quem o é)! que feste dizer? Não sabes que a *terra da verdade*, na linguagem do povo, é o *outro mundo*? O que tu disseste lá, é, entre nós, sómente para se escrever, e badalar pelas asquinas, mas dizel-o alli, *in oculis omnium*, isso só a tua coragem, ou a tua simplicidade! Vê lá o resultado — foi a assembléa votar louvores ao presidente (aliás bem merecidos), reconduzil-o, e proclamal-o o primeiro dos Ayres!

Foi maguifico então vê-lo pimpar, em pé, estendido como uma gibóia quando quer dar o pulo, e qual outro Luiz Napoleão, olhando de sobreceño para os seus rivaes Cavaignaes, que elle acabava de supplantar, dizer alto e bom som, com a mão no peito: «A Liga não morrerá em quanto eu existir, em quanto houver um portuguez deste comprimento!» Fez-nos lembrar aquelle verso de certo poema sacro:

«Morre um Deus, mas fica Affonso.»

Seja dito porém, em abono da verdade, que o Sr. Ayres de Sá, foi estranho a tudo isto, e que faz o mais que pôde — por tanto a assembléa, como S. Ex.<sup>a</sup> lhe pediu, deve agora, para ser coherente com a sua votação, poupar-lhe as censuras, não estar de continuo a azoinal-o, para vêr se se evita que elle esteja sempre com a campainha nas unhas, a chamar a gente á ordem.

O caso é que nestas bugiarias se levou a cousa a mais das quatro horas da tarde, pelo que alguns socios da ala esquerda, misturados com os da ala direita, formaram, á sahida, uma «liga promotora» de um bello jantar no Matta, do caes do Sodré, o que se effectuou, elegendo-se logo a mesa (redonda, já se sabe), presidindo admiravelmente o *appetite* que todos levavam, durando a sessão umas duas horas, concluindo-se os trabalhos por se esgravatar os dentes, e pa-

garem um tanto por cabeça até aquelles que a não tinham!

Lá admiramos nós mais que nunca, como uma toalha de meza tem a propriedade de *apagar*, chupando-as a si, todas as *córes* politicas, de tal sorte que se não percebe alli a diversidade das opiniões se não ácerca dos temperos...

Será porque a uma meza redonda, todos são *devoristas* em quanto comem, e *communistas* quando vão a pagar?

A companhia era excellente — por isso o melhor picado foi de lingua... foi a conversação. Sem basofia, parece que para esta patuscada fez o Camões os seguintes versos:

Mil praticas alegres se tocaram,  
Risos doces, subtis e argutos ditos,  
Que entre um e outro manjar se levantaram,  
Despertando os alegres appetitos.

Antes que nos esqueça: sabem que na chronica passada fallámos n'um celebre curso de epistolographia, de que Deus nos ha-de livrar, — foi bom, porque nos remetteram copia de um projecto de novo theor de cartas de declaração amorosa, para substituir o canção chavão do: *Desde o primeiro instante em que vos vi &c.* E' em fórma de requerimento documentado, e affiançam-nos que foi já remetido ao nosso improvisado epistolographo, para que o tome em consideração. Pedimos-lhe que vá seismando no despacho que lhe poria, se o consultassem sobre o caso. Quer ser mestre... aguante-se.

Eis aqui a copia da tal «petição-carta» d'amor.

«SENHORA!»

«Diz um Amante choroso, morador na rua da Saudade, freguezia da Pena, na cidade do Martyrio, bispado do Desgosto, concelho do Tormento, comarca da Ausencia, no districto administrativo das Angustias, que elle supplicante, ha cousa de uns oito dias, se acha preso pela graça scintillante de vossos olhos, e mettido no segredo da incerteza do vosso affecto, tendo por carcereiros... os rivaes presentes e futuros de tão pasmosa e grega formosura.»

«O supplicante, Senhora, além de ter um coração á prova d'agoa (para as noites d'inverno), é conselheiro ultramarino de Cupido, fidalgo da real casa de Venus, deputado ás côrtes do Parnaso, redactor de cartas amatorias, socio da liga dos interesses sensuaes do paiz, membro da academia de Massarellos, correspondente do jornal Baratissimo, victima do *cavaco* do Gremio Litterario, lagarteiro do jardim das damas, atica-morrões do pharol... do Bugio, traductor de cadernetas e varias miudezas, addido á legação dos *fósseis*, e papa-fina da litteratura portugueza.»

«Afóra isto (que provará com documentos, se tan-

to fôr necessario), o supplicante tem cavallo e arreios seus, anda penteado por mestre Aranjó, traz chapeo da loja dos marmores ao Loreto, veste por Mr. Carraro, toma café no Suisso, vai ao Marrare do polimento, tem assignatura na superior de S. Carlos, mas nunca deu palmas á Librandi, em fim é um *janota* capaz de transportar o Chiado para a Fundição de baixo, quando o supplicante alli vai vêr pescar camarão, para distrahir as saudades do seu bem... de vós, Senhora! » (\*)

« A' vista do exposto, e da presença desempenada, bigode, pera, luneta, e olhos azues do supplicante,

« P. a Vossa Divindade, que haja por bem da paixão que devora, que fere e mata o supplicante, dimittir do vosso angelical serviço, todos os amantes (se acaso os tem), nomeando-o ministro do reino, ou antes, do céu do vosso peito, obrigando-se o supplicante, desde já, a pagar os novos direitos desta mercê, em prestações diarias de seis horas de namoro, sendo metade em sonante (a cavallo), e metade em notas (cartinhas). »

« E R. M. »

Ei-la, a historia resumida do retrato da Rainha na camara dos deputados.

O pintor alemão, Sr. Krumholz, tirou o retrato a S. M., do natural, corpo inteiro; deste copiou o Sr. Fonseca o que fez para a camara municipal, e destes dois é que o Sr. Balaca copiou o que está hoje na camara electiva. A quem pertence pois a principal gloria desta pintura? Salvo o reconhecido merito do Sr. Balaca, não sabem que elle difficilmente faria tal, um retrato de corpo inteiro, sobre tudo de senhora? Pois não havia em toda a academia das bellas-artes, quem o fizesse, dirigido pelo Sr. Fonseca? Querem que nós estejamos contentes, vendo que ambos os retratos da Soberana de Portugal, no corpo legislativo, tanto na camara dos pares, como nas dos deputados, são feitos por estrangeiros — um inglez e outro castelhano? Será para louvar o que disse um jornal do governo, que era o melhor retrato da Rainha que tinhamos, fazendo immerecida offensa aos artistas nacionaes?

Temos mais duas revistas semanaes de Lisboa. E' no *Popular* e no *Interesse Publico*. Agora ha oito!

Suppomos que para fazer *pendent á monstrosa* couve que dos Pobres do Porto tem sido transplantada para todos os jornaes de Lisboa, nos remetterem a descripção de um repolho, mas oh que repolho!, só o talo tem a grossura do mastro grande da nau Vas-

co! Não a transcreve mos, porque o tal repolho parece-nos que é realmente uma couve...

Barão d'Alfemim.

## NOTICIAS.

### FUNDOS PUBLICOS.

Em 10 de Janeiro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 8 de Janeiro o preço dos fundos foi o seguinte :

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa.....	28040	28020
Tres operações.....	23	25
Inscrições de 5 por cento.....	45	46
Ditas de 4 por cento.....	37	39
Papel-moeda.....	10	11 m. f.
Titulos antigos (azues).....	6	8
Escriptos para as alfandegas.....	88	90
Na 6. <sup>a</sup> parte	84	85
Accões do Banco de Portugal.....	4608000	4658000
Ditas das Lezírias.....	3458000	3508000
Ditas — Seguro Firmeza.....	3508000	3558000
Ditas — Fidelidade.....	3008000	3058000
Ditas — Omnibus.....	708000	758000
Ditas — Pescarias.....	278000	288000
Ditas — Vapores do Têjo.....	198200	218000
Ditas — União Commercial.....	588000	608000
Ditas — Fiação e Tecidos.....	708000	728000
Ditas — Valla d'Azambuja.....	1008000	por accção.
Confiança Nacional.....	3958000	4008000
Obras Publicas.....	2 a 3	por cento

### CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de.....	330 a 390
Molle, a bordo.....	360 a 440
Das Ilhas, a bordo.....	330 a 370
Cevada do reino, a bordo.....	160 a 165
Das Ilhas, a bordo.....	140 —
Milho do reino, a bordo.....	230 a 240
Das Ilhas, a bordo.....	220 a 225
Centeio, a bordo.....	200 a 220

### METAES.

	Compra	Venda
Pecas de 88000.....	78980	88000
Oncas hespanholas.....	148570	148600
Soberanos.....	48490	48500
Ouro cercado.....	18940	18970
Dito em barra.....	25	26
Patacas hespanholas.....	920	923
Ditas brazileiras.....	920	923
Ditas mexicanas.....	920	923
Prata em barra.....	28	—

(\*) Aqui deve o supplicante ajoelhar, se fizer esta leitura á sua bella.

## CAMBIOS EM LISBOA.

Em 30 de Dezembro.

	Cambios	Cotado	Dinheiro	Papel	Effectuado
Londres 30 d. v. . . . .	52 5 oit.	—	—	—	52
» 60 d. v. . . . .	52	—	—	—	52 5 oit
» 90 d. v. . . . .	53	—	—	—	52
Pariz 100 d. d. . . . .	535	—	—	—	—
» 3 d. v. . . . .	540	—	—	—	540
Hamburgo 3 m. d. . . . .	48	—	—	—	48
Amsterdã . . . dito . . .	42	—	—	—	42
Genova . . . . . dito . . .	530	—	—	—	530
Vienna . . . . . dito . . .	400	—	—	—	—
Trieste . . . . . dito . . .	400	—	—	—	—
Lionne . . . . . dito . . .	142	—	—	—	—
Napoles . . . . . dito . . .	750	—	—	—	—
Madrid 15 d. v. . . . .	900	—	—	—	—
Cadiz 15 d. v. . . . .	910	—	—	—	—
Porto 8 d. v. . . . .	1 p. c.	—	—	—	1 p. c. d.

## FUNDOS EM LONDRES.

Em 16 de Dezembro.

## INGLEZES.

Consolidados de 3 por cento . . . . .	—	—
Consolidados . . . . .	88 5 oit.	—
Reduzidos de 3 por cento . . . . .	88 3 oit.	—
» de 3 por cento . . . . .	88 7 oit.	—

## ESTRANGEIROS.

Portuguezes de 3 por cento . . . . .	—	—
» 4 por cento B. . . . .	24	25
Hespanhoes de 5 por cento . . . . .	13	—
» 3 por cento . . . . .	27	—
Brazileiros de 5 por cento 1824 . . . . .	74	75
» dito 1829 1839 . . . . .	—	—

## ESTADO DO MERCADO.

Algodão — Continúa empatado.

Assucar — As vendas limitaram-se ao consumo, e com pouca animação.

Borraxa — Empatada.

Café — Tem continuado as vendas tanto para consumo, como para reexportar. — Ha falta da primeira qualidade, que é procurada.

Cera — Algumas vendas para reexportar.

Couro — Algumas vendas para consumo.

Gomma copal — Algumas vendas para reexportação.

Pimenta — Vendas para consumo.

Marfim — Effectuaram-se algumas vendas.

Urzella — Empatada.

## AVISO.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, a

entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

S. Lourenço do Bairro Mialhada, correspondente em Aveiro, José Simões de Paiva. — Midões, em Vizeu, Antonio da Silva. — Mialhada, Condeixa, Tentugal, em Coimbra, José Joice. — Alemquer, em Villa Franca de Xira, D. Maria Jacintha Salgado. — S. Miguel, Philippe Maria Bessone. — Fundão, Guarda, Mangualde, na Covilhã, Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castro Verde, Campo Maior, em Portalegre, João Anastacio Dias Grande. — Angra, Terceira, Frederico Ferreira Campos. — Villa Nova de Milfontes, Odemira, Campo de Ourique, em Sines, Joaquim Pires de Mattos. — Quiaios, Alhadã, Maiorca, Cadima, na Figueira, Ignacio Fernandes Coelho. — Soure, Pombal, Marinha Grande, em Leiria, Miguel Joaquim Leitão. — Penha Garcia, Idanha Nova, Pena Macôr, Sigura, Rosmaninhal, Sarzedas, Alpedrinha, em Castello Branco, Francisco José Mourão. — Ovar, Oliveira de Azemeis, na Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Poste de Lima, Vianna do Castello, Vianna do Minho, em Vianna, Luiz Manuel Monteiro. — Freixas, em Mirandella, José Bernardo Pinto Saraiva. — Povoã do Lanhoso, em Braga, João Antonio d'Oliveira Braga. — Portel, Serpa, Villa de Frades, em Beja, José Ricca. — Peniche, em Attouguia da Balca, Francisco Manuel Velloso da Horta. — Fayal, Manuel Alves Guerra. — Olhão, Loulé, em Faro, José Bento Dias Ferreira. — Monte Alegre, em Chaves, João de Sousa Pinto de Barros. — Funchal, Madeira, Goulde Roupe & C.<sup>a</sup> — Villa Nova de Portimão, Alcantarilha, em Lagos, Januario José Simões. — Esposende, em Barcellos, Francisco José Pereira Braga. — Alpalhão, em Estremoz, Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio.

Este jornal publica-se todas as semanas.

Assigna-se e vende-se nas lojas de Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; na de Lavado n.º 8; na de Arcejo n.º 85; Carvalho, ao Chiado n.º 2; Verol, na mesma rua.

## Preços das assignaturas.

Por um anno . . . . .	2\$880 réis.
Por seis mezes . . . . .	1\$440 réis.
Por tres . . . . .	720 réis.
Avulso . . . . .	70 réis.

Participa-se aos Srs. Agentes e Assignantes que o escriptorio da redacção deste jornal mudou-se para a rua dos Calafates, n.º 28, 1.º andar, aonde devem dirigir toda a correspondencia.